

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA-UNB
FACULDADE DE PLANALTINA-FUP
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO - LEDOC**

ESTERINA PEREIRA DIAS

**ANÁLISE DAS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NA COMUNIDADE KALUNGA VÃO
DE ALMAS.**

**PLANALTINA-DF
2015**

ESTERINA PEREIRA DIAS

**ANÁLISE DAS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NA COMUNIDADE KALUNGA VÃO
DE ALMAS.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção ao título de Licenciada em Educação do Campo, com habilitação na Área de Linguagens.

Orientador: Prof. Dr. Djiby Mané

PLANALTINA-DF

2015

ESTERINA PEREIRA DIAS

**ANÁLISE DAS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NA COMUNIDADE KALUNGA VÃO
DE ALMAS.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção ao título de Licenciada em Educação do Campo, com habilitação na Área de Linguagens, defendida e aprovada em ___/___/___.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Djiby Mané - Universidade de Brasília – UnB
(Orientador)

Prof. Dr. José João de Carvalho - Instituto Federal de Goiás (IFG)
(Examinador Externo)

Profa. Dra. Eliene Novaes Rocha – Universidade de Brasília
(Examinadora Interna)

Primeiramente, dedico a minha monografia a Deus, que sempre me deu força e saúde nesta caminhada. Dedico, também, aos meus pais: Benícia Pereira Dias e Fulugencio Pereira das Virgens, que me ensinaram os primeiros passos e me deram força para chegar o final deste curso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela força, por ter me ajudado conseguir vencer essa esta caminhada.

Ao meu companheiro, Adelson dos Santos Bispo, que eu amo muito, pelo apoio e a confiança.

Aos meus pais, pela preocupação e pela força durante a realização deste curso.

Aos meus irmãos Adão, Iracema, Maria dos reis, Maria, Elias, Genuaria, ao meu irmão de consideração, Joao Celino, pelo carinho e o amor que sentimos um pelo outro.

Ao professor Djiby Mané, por ter me orientado na construção desta pesquisa, pela paciência e, em especial, pela ajuda nesta caminhada.

Agradeço à professora Sissi e Sílvia, pelas contribuições na minha Banca de qualificação deste trabalho.

Aos meus queridos amigos Cristiane, Raquel, Nivaldo, Lurdes e Simone Couto, que tanto apoiaram e me deram forças na construção deste trabalho.

Aos demais amigos, obrigada pelo carinho, amizade e o companheirismo.

Agradeço, em especial, à minha mãe de consideração, Joana, pela ajuda nesta jornada.

Por fim, agradeço a todos os professores e funcionários da UnB, que com sua disposição e seu trabalho contribuíram este período de minha vida.

Agradeço a todos, de coração.

RESUMO:

A homogeneidade linguística é uma ilusão, isto é, toda língua está sujeita a variação. Há quem acredite que a sua ausência é patológica. Assim, esse trabalho analisou as variações linguísticas de um grupo de moradores da comunidade Kalunga Vão de Amas, município de Cavalcante GO. Para compor o corpus deste trabalho, foram coletados dados junto a moradores da própria comunidade. Foram selecionados seis sujeitos da pesquisa organizados em dois grupos focais. O primeiro é composto de pessoas mais velhas, na faixa etária de 59 a 72 anos; já o segundo é composto de jovens na faixa etária de 18 a 32 anos. Quanto à fundamentação da pesquisa, recorreremos a autores que abordam a Língua, Linguística e Variações Linguísticas, tais como, Bagno (2007), Bortoni- Ricardo (2005), Calvet (2002), entre outros. Com base nesta pesquisa, foram identificadas variações no falar das pessoas que são relacionadas a variações de idade, níveis de conhecimento da língua portuguesa padrão, cultura e contexto.

Palavras-chave: Variação linguística. Norma padrão. Norma popular.

ABSTRACT

Linguistic homogeneity is an illusion, that is, every language is subject to change. Some believe that its absence is pathological. So this study analyzed the linguistic variations of a group of residents of the community Kalunga Go to Amas, municipality of Cavalcante GO. To comprise the corpus of this study, data were collected at the community residents. Five research subjects organized into two focus groups were selected. The first is made up of older people, aged 50-75 years; already the second is made up of young people aged 18-30 years. As the foundation of the research, we turn to authors that address the language, linguistics and linguistic variations, such as Bagno (2007), Bortoni- Ricardo (2005), Calvet (2002), among others. Based on this research have been identified variations in speaking of people who are related to variations in age, standard English language knowledge levels, culture and context.

Keywords: linguistic variation, standard norm and popular standard.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I	11
1.0 MÉTODOS E MATERIAL	11
1.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	11
1.2 POPULAÇÃO	12
1.3 AMOSTRA	15
1.4 INSTRUMENTO DE COLETA DOS DADOS	16
1.5 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DOS DADOS	17
CAPÍTULO II	18
2.0 BASES TEÓRICAS	18
2.1 HETEROGENEIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA	18
2.2 OS DIFERENTES MODOS DE SE FALAR A MESMA LÍNGUA	20
2.3 A VARIEDADE “PADRÃO” E A VARIEDADE “NÃO-PADRÃO”	21
2.4 PLURILINGUISMO: CONTATOS ENTRE AS LÍNGUAS	24
CAPÍTULO III	26
3.0 RESULTADOS E DISCUSSÃO	26
3.1 ANÁLISE DAS FALAS DOS IDOSOS	26
3.2 ANÁLISE DAS FALAS DOS JOVENS	29
CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38

INTRODUÇÃO

Este trabalho analisa a variação linguística dos jovens e idosos da comunidade Kalunga Vão de Almas, situada no município de Cavalcante - GO. Em relação à escolarização dessas pessoas, os idosos são analfabetos, e os jovens estão organizados em dois grupos: alguns não tiveram a oportunidade de serem escolarizados, outros estão cursando um curso superior.

A escolha por este tema deu-se por meio das aulas de Fundamentos da Linguística, disciplina da área de Linguagens do curso de Licenciatura em Educação do Campo. Nessas aulas foi possível perceber a valorização dos diferentes modos de falar de cada povo e comunidade. A partir das discussões, percebemos a diferença entre a língua escrita e a falada. Entendemos, a partir desses estudos, que a língua é uma questão pragmática, isto é, usa-se uma determinada modalidade linguística dependendo do contexto.

A escolha do tema “Variação linguística na Comunidade Kalunga Vão das Almas” deve-se ao fato de a variante falada na comunidade ser considerada por muitos como uma forma “errada” de falar. Contudo, esse modo de falar da comunidade é importante, pois ele é o reflexo da vivacidade da língua, que muda dependendo da região, idade, profissão, nível social, escolaridade, entre outros aspectos que influenciam na forma de falar de cada pessoa, comunidade e região.

Na fala dos moradores existem aspectos importantes na sua construção, como a diferença linguística de uma geração para outra. Os mais velhos preservam um modo de falar mais tradicional e regional. Por outro lado, os adolescentes preservam algumas características dos mais velhos, entretanto, com um modo mais monitorado em algumas falas, mas sem perder aspectos linguísticos da família e da comunidade.

Como moradora do Vão de Almas, eu também recebi, por parte dos meus familiares e da minha comunidade, influências na forma de falar. Essa variação permanece viva até hoje em minha comunicação oral, mesmo depois de ter ingressado na universidade e ter cursado a Licenciatura em Educação do Campo. Nesse curso, aprendi que devemos escrever na norma culta, já que isso é uma exigência em qualquer curso.

Porém, por vir de uma comunidade onde as pessoas falam outra variedade linguística, que é mais espontânea e com características próprias, continuo falando a norma popular da minha comunidade, e escrevendo segundo as orientações exigidas para realizar os trabalhos acadêmicos. Com diversas leituras e pesquisas, foi possível perceber que não falamos “errado”, mas que temos um modo de falar que varia dependendo de diferentes aspectos.

Desta forma, este trabalho tem como objetivo analisar o modo de falar das pessoas da comunidade Kalunga Vão de Almas, no intuito de apresentar sua riqueza linguística. Quanto à metodologia, foram coletados dados junto à comunidade, com sujeitos divididos em dois grupos focais, formados por pessoas jovens e mais velhos. Esses dados foram obtidos por meio de entrevistas. Os sujeitos contaram histórias de suas vidas, e nós gravamos e transcrevemos para, posteriormente, fazer as análises. Embasamo-nos, teoricamente em autores que pesquisaram sobre a variação linguística, tais como Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2004) e Gnerre (1985).

Este trabalho está dividido em três capítulos, além da introdução e conclusão. No primeiro são abordados os princípios metodológicos, que são de fundamental importância para a realização dessa pesquisa. Quanto ao segundo, ele apresenta as bases teóricas que fundamentaram a análise deste trabalho. Já o terceiro traz uma análise dos dados coletados na comunidade Vão de Almas.

CAPÍTULO I

1.0 MÉTODOS E MATERIAL

Este capítulo traz a metodologia adotada neste trabalho apresentando caracterização da pesquisa, população, amostra, procedimentos para fazer a coletas dos dados, procedimentos utilizados na análise de dados e análise dos dados.

1.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

O tipo de pesquisa desenvolvida neste trabalho é a pesquisa etnográfica para analisar o tipo de variação linguística na comunidade Kalunga Vão de Almas. Este tipo de pesquisa tem como base o estudo da etnografia, sustentado por Gil que afirma:

A pesquisa etnográfica tem a origem na antropologia, sendo utilizada tradicionalmente para a descrição dos elementos de uma cultura específica tais como comportamentos, crenças e valores, baseada em informações coletadas mediante trabalho de campo. Foi utilizada originalmente para descrições das sociedades sem escrita, seu uso, no entanto, foi se difundindo e nos dias atuais é utilizada também no estudo de organizações e sociedades complexas. Assim o uso das pesquisas etnográficas vem se tornando cada vez mais constante em campos como os da educação, da saúde coletiva e da administração (GIL, 2010, p 40).

De acordo com este autor, descreveremos a comunidade falando de suas características dentro do seu contexto social e analisando o perfil das pessoas que vão ser entrevistadas. Neste trabalho, o contexto é a comunidade Vão de Almas; e as pessoas, os moradores dessa comunidade, conforme corpus definido para a pesquisa.

Além de etnográfica, esta pesquisa será de cunho qualitativo que, segundo Creswell (2007), é um método que busca interpretar o dia a dia das pessoas observadas. O pesquisador é um órgão fundamental, pois ele busca coletar dados, analisá-los e interpretá-los, respeitando e compreendendo o ambiente em que as pessoas estão inseridas, isto é, o grupo focal dos entrevistados.

1.2 POPULAÇÃO

A população pesquisada neste trabalho é de origem quilombola, família simples, que vive em um lugar calmo, mas de difícil acesso. Foi entrevistado um total de seis pessoas. Entre os sujeitos desta pesquisa, temos pessoas idosas, de 50 a 72 anos de idade, analfabetas, que não tiveram a oportunidade de estudar, porque antes não tinha escola na comunidade. Contamos, ainda, com a colaboração de jovens, na faixa etária de 18 a 30 anos de idade, que têm o ensino fundamental incompleto. Outro grupo de jovens que participaram desta pesquisa possui o ensino médio. Todos os colaboradores são moradores da comunidade Kalunga Vão de Almas, onde foram feitas e gravadas as entrevistas.

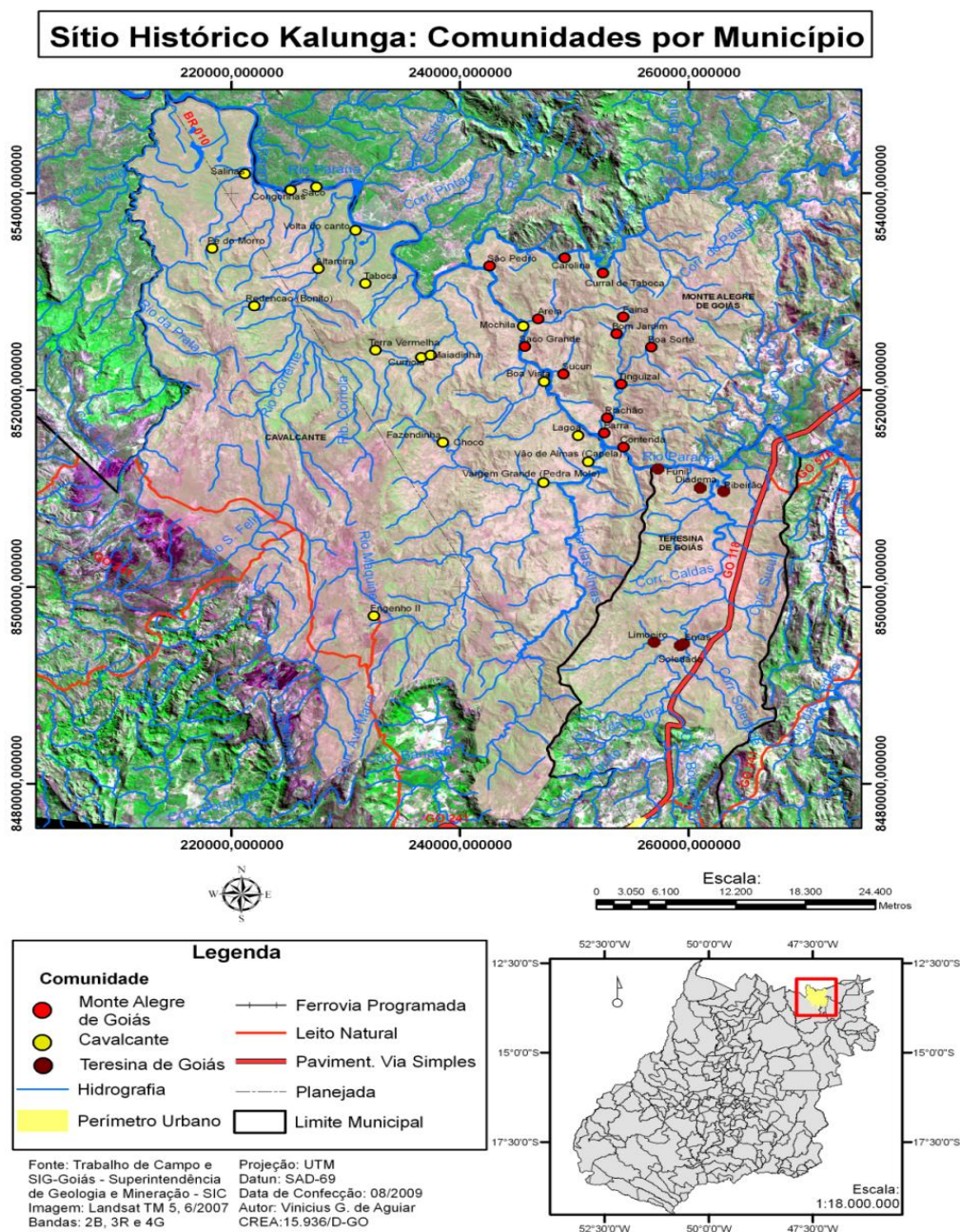
As pessoas entrevistadas são do sexo feminino e masculino, pessoas nascidas e criadas na comunidade Kalunga Vão de Almas, município de Cavalcante GO, que está localizado no nordeste goiano. Segundo Brasil (2001):

O povo Kalunga é uma comunidade de negros originalmente formados por descendente de escravos que fugiram do cativeiro e organizaram um quilombo, há muito tempo, num dos lugares mais bonitos do Brasil, a região da chapada dos veadeiros, no norte de Goiás. Toda a área que eles ocupam foi reconhecida oficialmente em 1991 pelo governo do estado de Goiás como sítio histórico que abriga o patrimônio cultural Kalunga, parte essencial do patrimônio histórico e cultural brasileiro (BRASIL, 2001, p. 14).

A comunidade Kalunga Vão de Almas possui uma população bastante rica em diversidade cultural, saberes e fazeres. Essa comunidade possui, também, variados modos de falar, uma vez que é formada por pessoas descendentes de escravos que possuíam suas diversidades linguísticas.

O território Kalunga é um dos maiores territórios do estado de Goiás e do Brasil, permeia por quase todos os estados brasileiros. Contudo, ele é caracterizado pela variedade regional e cultural dos povos que ocupam esses território, há mais de dois séculos. Visto isso, em sua particularidade, a comunidade Kalunga Vão de Almas, historicamente demarcada por negros descendentes de escravos, encontra-se situada na região da Chapada dos Veadeiros, no município de Cavalcante – Goiás, a aproximadamente a 75 km de sua sede municipal.

Figura 1 – Sítio Histórico Kalunga, comunidades por município.



Essa comunidade, integrante da história da humanidade, é parte viva da identidade cultural do Brasil. É um dos lugares mais secretos, bonitos e ricos em culturas populares, da nossa região. Contudo, as pessoas enfrentam muitas dificuldades, pois não tem luz elétrica, água encanada e nem posto de saúde.

Oriundos dessa comunidade, os quilombolas do Vão de Almas herdaram uma rica cultura e um modo de viver bem preservado dos antepassados. O seu meio de subsistência é extraído basicamente do cultivo da terra. O modo de produção era e é ainda o sistema de roça de toco (trabalho e plantação totalmente manual com os seguintes instrumentos: enxada, foice, machado, faca e cutelo) para a plantação do arroz, milho, feijão, mandioca e outros.

Além do cultivo da agricultura, vivem também da pesca, caça e domesticação de alguns animais, como: a criação bovina, caprina, suína. Na maioria das vezes, agricultura é realizada para o próprio consumo. As casas foram construídas perto dos rios, onde as terras são férteis e melhores para produtividade da agricultura de subsistência.

O comércio utilizado, inicialmente, era a troca de produtos produzidos na própria comunidade. Por exemplo: trocava-se carne por feijão, milho por arroz, sal por farinha, etc. Segundo os moradores da comunidade, nos seus antepassados se deslocavam até a Bahia para comprar e trocar alguns produtos como: sal e tecidos, antes mesmo que Cavalcante fosse uma região estruturada. Gastavam-se nessa época, trinta dias de viagem a cavalo para adquirir produtos que hoje são corriqueiros.

No que diz respeito às crenças, poucas alterações tiveram as religiões e os valores culturais, que permaneceram até os dias de hoje como: folias, rezas, danças, batizados e casamentos na fogueira. Já entre as danças mais importantes, destacam-se a Sussa e a folia, curraleiras e batucadas. E também tem as danças modernas dos dias atuais, forró, funk, baile etc.

Naquela época, não existiam escolas, esse fator repercute até a atualidade, pois a maior parte das pessoas mais velhas é analfabeta, já que elas não tiveram oportunidades de estudar. Hoje, eles/elas reclamam pelo fato de não saber ler nem escrever. Segundo Bortoni-Ricardo, as variações estão nos laços culturais, sendo assim, a escola tem que ter o compromisso de trabalhar esses aspectos, pois, os fatores que existem devido à falta de escola não justificam a variação linguística, e sim o aspecto de formação sociocultural.

Hoje em dia, as coisas mudaram bastante na comunidade devido a algumas melhorias “conquistadas” ao longo dos tempos. Há, na comunidade, escolas que atendem todo o Ensino Fundamental. E estamos em luta para conseguir o Ensino

Médio, que irá atender às pessoas da comunidade, evitando, assim, que elas parem de estudar por falta de oferta de ensino.

Aqueles jovens, que paravam de estudar por causa da não existência do ensino na comunidade Vão de Almas, conseguem hoje continuar seus estudos. Estamos na luta pelo Ensino Médio na comunidade, foi uma luta das organizações dos moradores e de algumas entidades.

Há, também, alguns fenômenos que ajudam na sobrevivência das famílias que ali vivem. Infelizmente, a falta de chuva e/ou outros fatores causam perda das plantações, dificultam a sustentabilidade das famílias.

À renda familiar somam-se Programas sociais, como salva guarda das famílias da comunidade, principalmente o Bolsa Família, que é o mais acessado pela população. Há, ainda, os benefícios de aposentadoria como agricultor/pescador, ou por idade. As pessoas plantam suas roças de toco, que, antigamente, eram as principais fontes de renda. Hoje, os programas sociais complementam os recursos da comunidade.

A comunidade é cercada por montanhas, morros e rios. As estradas são extremamente de risco, exigindo tração forte dos carros, o que dificulta significativamente o acesso, dificultando bastante o transporte terrestre. Sua vegetação de Cerrado é um verde natural, bastante preservado e banhado por cinco grandes rios, que cortam a comunidade de ponta a ponta, gerando inúmeros córregos, que também auxiliam a preservação de espécies endêmicas da localidade. A comunidade tem uma grande diversidade de córregos, são tantos que ficaria difícil fazer uma listagem deles. Todas essas informações tornam-se relevante diante do contexto acadêmico desse trabalho.

1.3 AMOSTRA

A amostra aleatória é a mais utilizada, devido às suas características de imparcialidade na escolha e representatividade no número dos sujeitos (JUNIOR, 2013). Neste sentido, a nossa pesquisa usou, como estratégia para definir os sujeitos que contribuem com a construção do corpus, a escolha aleatória. Os sujeitos entrevistados foram divididos intencionalmente em dois grupos de falantes.

O critério utilizado foi o da faixa etária, consideramos jovens os entrevistados de entre 18 e 32 anos, e adultos os colaboradores com faixa etária entre 59 e 72 anos.

Acredita-se que a organização em dois grupos possa facilitar a análise do modo de falar de cada pessoa, identificando a relação em suas falas.

1.4 INSTRUMENTO DE COLETA DOS DADOS

Para que possamos identificar as variações linguísticas no modo de falar das pessoas, realizamos conversas informais, sem roteiros, com as pessoas, aleatoriamente, selecionadas. Essas entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas. Em outro momento, dedicamo-nos à análise das falas, quando fomos identificando a variação linguística que existe dentro da comunidade estudada. Assim, Gil afirma que.

A pesquisa etnográfica tem como propósito o estudo das pessoas em seu próprio ambiente mediante a utilização de procedimentos como entrevistas e profundidade e observar participante. Volta-se para o estudo das múltiplas manifestações de uma comunidade ao longo do tempo e do espaço (GIL, 2010, p 40).

As pesquisas desenvolvidas para identificar as variações linguísticas dos moradores da comunidade Kalunga Vão de Almas foram fundamentadas através de textos e entrevistas, para ter uma análise profunda e crítica de como é o processo de estudo das variedades linguísticas.

As entrevistas foram feitas oralmente de espontaneamente. Fomos à casa de cada colaborador para explicar o motivo da visita e esclarecer que as entrevistas seriam gravadas para identificar as possíveis variações existentes em seus modos de falar. Esforçamo-nos por deixar o entrevistado à vontade para contar seus acontecimentos.

As gravações destas entrevistas foram base do corpus da pesquisa em que investigamos os sotaques e léxicos existentes nas fala dos pesquisados. Além disso, esse material permitiu-nos averiguar se as pessoas entrevistadas fazem o uso da variação só com a convivência em casa com seus familiares, ou em qualquer outro contexto.

1.5 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DOS DADOS

As entrevistas foram realizadas com as pessoas da comunidade Kalunga Vão de Almas. A motivação para esta pesquisa é analisar as variações linguísticas e mostrar às pessoas, inclusive a alguns moradores da comunidade, que acreditam que as pessoas de lá falam errado, o fenômeno da variação que ocorre em todas as línguas. Também queremos que os demais preconceituosos, que os excluem, caracterizando-os como besta, que não sabem falar corretamente, tenham a oportunidade de aprender um pouco mais sobre a nossa língua portuguesa.

A forma de falar dessas pessoas não deve ser considerada como errada, mas que se trata de uma linguagem diferenciada das demais localidades, tendo uma particularidade advinda da variação linguística, conceito ainda não conhecido na comunidade. As pessoas que recebem esse ataque verbal não sabem lidar com tal ignorância, ficando seriamente ofendidas.

Os períodos de realização das entrevistas foram do mês de maio até o mês de setembro do ano de 2015. A própria pesquisadora, de forma direta, desenvolverá e registrará as entrevistas por meio de gravações, de forma que as conversas sejam feitas de maneira bastante espontânea, pausadamente e claras para evitar que os entrevistados se sintam constrangidos durante as entrevistas.

CAPÍTULO II

2.0 BASES TEÓRICAS

Neste capítulo, pretende-se uma discussão da fundamentação teórica que servirá de base para a análise dos dados, que ocorrerá no próximo capítulo.

2.1 HETEROGENEIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA

É comum ouvirmos e/ou vermos pessoas falando ou escrevendo, nos mais variados meios de comunicação, que esse ou aquele indivíduo falou “errado”. Para completar esse ato de discriminação linguística, aquele grupo falante do “português-padrão” apresenta suas frases da seguinte forma: “ele/ela está ‘assassinando’ a Língua Portuguesa”. Além dessa frase discriminatória, ainda há o dizer ignorante, que somente “os portugueses sabem falar corretamente a Língua Portuguesa”.

Para Bagno (2007, p. 20), esses tipos de afirmações preconceituosas “refletem o complexo de inferioridade, o sentimento de sermos até hoje uma colônia dependente de um país mais antigo e mais civilizado” Em outras palavras, muitos ainda pensam que o Brasil depende política e economicamente de Portugal, e, por isso, precisaríamos seguir obrigatoriamente a forma de falar dos portugueses como espelho/exemplo e só assim estaremos falando “corretamente”.

Segundo a história da colonização do nosso país, o Português do Brasil recebeu influências não somente da língua de Portugal, pois antes dos portugueses chegarem ao Brasil para colonizá-lo, havia parado em outras colônias, onde a língua dos portugueses recebeu influências devido ao contato com outras formas de falar. Por isso, a Língua Portuguesa não veio ao Brasil da mesma forma que é falada em Portugal, ao contrário, trouxe aspectos fonológicos, sintáticos e semânticos de outras línguas.

Aqui no Brasil, a língua dos portugueses entrou em contato com as dos índios – os primeiros habitantes das terras brasileiras -, dos africanos – negros trazidos à força da África para o trabalho de servidão – e com as de outros povos que desembarcaram aqui, a fim de usufruir as riquezas naturais do nosso país.

A colonização resultou em uma mistura de raças, culturas, costumes e línguas que contribuíram na construção do português do Brasil, que vive em constantes mudanças. Sendo assim, a nossa língua é “viva” e variável, dinamismo esse que se manifesta nos aspectos “semântico, fonológico, lexical, sintático e pragmático” (BAGNO, 1999, p.40). Por causa da vivacidade da língua, os brasileiros criaram e continuam criando uma língua diferente da falada em Portugal, com conceitos gramaticais próprios, aspectos de outras línguas.

Muitos brasileiros, principalmente os que participam dos atos discriminatórios, ainda não compreenderam e/ou não querem entender, permanecendo assim na total ignorância quando se trata da originalidade do português do Brasil. Nesse sentido, Bagno (2007) afirma que:

essa história de dizer que “brasileiro não sabe português” e que “só em Portugal se fala bem português”. Trata-se de uma grande bobagem, infelizmente transmitida de geração a geração pelo ensino tradicional da gramática na escola. O brasileiro sabe português, sim. O que acontece é que nosso português é *diferente* do português falado em Portugal. Quando dizemos que no Brasil se *fala português*, usamos esse nome simplesmente por comodidade e por uma razão histórica, justamente a de termos sido uma colônia de Portugal. Do ponto de vista linguístico, porém, a língua falada no Brasil já tem uma *gramática* — isto é, tem regras de funcionamento — que cada vez mais se diferencia da gramática da língua falada em Portugal. Por isso os linguistas (os cientistas da linguagem) preferem usar o termo *português brasileiro*, por ser mais claro e marcar bem essa diferença (BAGNO, 1999, p. 23).

Como se observa, os brasileiros sabem falar português, sim, e eles têm sua gramática. Assim sendo, não tem como um povo que já tem sua gramática construída, e em constantes reformas, ter que copiar outra, ato contrário ao que diz respeito à vivacidade da língua, que fornece aos seus usuários, constantemente, novas possibilidades de comunicação oral e escrita. Por isso, ter que imitar uma língua que se difere em vários aspectos do português do Brasil, torna-se uma regra ilusória, sem lógica e fundamentos diante da realidade da nossa língua. Nessa perspectiva, Bagno (2007) aponta:

na língua falada, as diferenças entre o português de Portugal e o português do Brasil são tão grandes que muitas vezes surgem dificuldades de compreensão: no vocabulário, nas construções sintáticas, no uso de certas expressões, sem mencionar, é claro, as

tremendas diferenças de pronúncia — no português de Portugal existem vogais e consoantes que nossos ouvidos brasileiros costumam a reconhecer, porque não fazem parte de nosso sistema fonético. E muitos estudos têm mostrado que os sistemas pronominais do português europeu e do português brasileiro são totalmente diferentes (BAGNO, 1999, p. 24).

Segundo Bagno (1999), é um equívoco tentar seguir a língua de Portugal, sendo que o que eles consideram certo em sua língua oral, a gramática culta brasileira considera errado, como: “*mais pequeno*” que não funciona no Brasil e é uma expressão rejeitada pela norma culta brasileira, que usa *menor* em todas as circunstâncias em que há comparação” (BAGNO, 1999, p. 27).

2.2 OS DIFERENTES MODOS DE SE FALAR A MESMA LÍNGUA.

Muitas pessoas precisam ser sensibilizadas – porque conscientes a maioria é – que existe a variação linguística, que há uma vasta variedade da nossa língua, e que isso depende de diversos fatores importantes, como a idade, o sexo, grau de escolaridade, região, profissão. Bagno (1999) ressalta que a pronúncia de uma palavra recebe sons diferentes em diferentes regiões do Brasil, não a tornando errada:

Diante de uma tabuleta escrita COLÉGIO é provável que um pernambucano, lendo-a em voz alta, diga CÔlégio, que um carioca diga CUlégio, que um paulistano diga CÔlégio. E agora? Quem está certo? Ora, todos estão igualmente certos. O que acontece é que em toda língua do mundo existe um fenômeno chamado *variação*, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico (BAGNO, 1999, p. 48).

De acordo com Bagno (1999), toda língua existente no mundo tem o fenômeno chamado “variação”. Então, da mesma forma que existe a variação no português do Brasil, também existe a variedade na língua de Portugal. Porém, poucos brasileiros se atentam a essa questão de que existe a variedade na língua falada em Portugal. Os falantes do “português-padrão” do Brasil buscam se espelhar na língua “cultura” que é falada em Portugal, e, automaticamente, rejeitam a variedade da língua falada em Portugal, assim como eles discriminam a falada no Brasil.

No contexto de sala de aula, Bagno (1999) *apud* Bortoni-Ricardo (2005, p. 15) aponta que “os alunos que chegam à escola falando ‘nós chegemu’, ‘abrido’ e ‘ele drome’, por exemplo, têm que ser respeitados e ver valorizadas as suas peculiaridades linguístico-culturais”. Esses estudantes não estão falando “errado”, mas sim se expressando conforme a variedade linguística presente em sua comunidade. Pois, usam a língua falada entre amigos, familiares e vizinhos, por isso é indiscutível deixar de usá-la.

Quando o aluno chega à escola, percebe que o seu modo de falar é rejeitado, por não seguir as normas gramaticais, sentindo-se assim excluído também. Isso faz com que ele se limite aos eventos de comunicação em sala de aula, devido ao receio de se tornar motivo de chacota entre os colegas de classe, e de ser constantemente corrigido pelo/a professor/a: “não se fala *cê*, e sim *ocê*”.

No entanto, Bortoni-Ricardo (2005, p. 15) destaca que os alunos “têm o direito de aprender as variantes do prestígio dessas expressões”. Em outras palavras, o estudante precisa aprender que existe outro modo de falar, que não é melhor ou pior do que a sua forma particular de se expressar, mas que é importante aprendê-la, para que possa usá-la quando sentir que é necessário, como em discursos orais, palestras, apresentação de trabalhos e outras situações que exigem um modo de falar mais monitorado.

2.3 A VARIEDADE “PADRÃO” E A VARIEDADE “NÃO-PADRÃO”.

Infelizmente, o fenômeno chamado variação linguística não é reconhecido e valorizado pela grande maioria dos brasileiros, principalmente os falantes da “norma-padrão”, que, geralmente são classes sociais que, segundo Bagno (2007):

vivem em sociedade com uma longa tradição escrita, com uma história literária de muitos séculos e um sistema educacional organizado que se acostumaram a ter uma ideia de língua muito influenciada por todas essas instituições. Para elas, só merece o nome de *língua* um conjunto muito particular de pronúncias, de palavras e de regras gramaticais que forma cuidadosamente selecionada para compor a *norma-padrão* (BAGNO, 2007, p. 35).

Mas esse grupo de falantes do “português-padrão” não se fixa apenas a ideia de adotar fielmente as regras padronizadas da gramática, baseadas na tradição

escrita e na história da literatura, participa de um grupo que discrimina, linguisticamente, os indivíduos que falam espontaneamente a sua variedade linguística. Além do ato discriminatório, essa classe acredita que as pessoas que falam “errado” são as que vivem à margem da pobreza, os favelados, os desfavorecidos socialmente.

Não podemos negar que é um dos fatores que contribuiu para existência da distância linguística entre os falantes da variedade não padrão e da intitulada “cultura”; já que a grande maioria da população não tem acesso aos diversos itens importantes, entre eles, uma educação digna, como parte do direito de todo o cidadão brasileiro. Segundo Gnerre (1985):

nem todos os integrantes de uma sociedade têm acesso a todas as variedades e muito menos a todos os conteúdos referenciais. Somente uma parte [...] tem acesso a uma variedade ‘cultura’ ou ‘padrão’, considerada geralmente a ‘língua’, e associada tipicamente a conteúdos de prestígio (GNERRE 1985, p.6).

Percebemos que existe a desigualdade referente à distribuição de bens culturais, pois só uma parte da população tem acesso a esses bens, enquanto a outra, muitas vezes, nem sabe que também tem direito aos bens que lhe são negados. Nesse contexto, Bagno (1999) aponta:

por causa da trágica injustiça social que faz do Brasil o segundo país com a pior distribuição de renda em todo o mundo. São essas graves diferenças de *status* social que explicam a existência, em nosso país, de um verdadeiro abismo linguístico entre os falantes das variedades não-padrão do português brasileiro — que são a maioria de nossa população — e os falantes da (suposta) variedade culta, em geral mal definida, que é a língua ensinada na escola (BAGNO, 1999, p. 16).

Por causa disso, os grupos sociais são diferenciados pelo uso da língua, assim como são classificados segundo as condições financeiras. Bagno (1999) *apud* Bortoni-Ricardo (2005) afirma:

em sociedades com história e distribuição desigual de renda (entre as quais o Brasil pode ser considerado paradigmático), as diferenças são acentuadas e tendem a se perpetuar. Pode-se afirmar que a distribuição injusta de bens culturais principalmente de formas valorizadas de falar, é paralela à distribuição iníqua de bens

materiais e de oportunidades (BAGNO, 1999 *apud* BORTONI-RICARDO, 2005, p.140).

Porém, a classe “letrada” não se atenta às injustiças sociais e às questões desiguais com as quais uma boa parcela da população brasileira é obrigada a conviver. Essa classe, que se julga “cultura”, faz, infelizmente, separação das pessoas segundo a forma de falar. A esse respeito, Gnerre (1985, p. 04) declara: “uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais”.

Em outras palavras, se a pessoa fala “errado”, ela, automaticamente, pertence à classe pobre e marginalizada; por isso, ela passa a ser discriminada devido ao modo de falar, e, assim, os “indivíduos que não têm bastante competência na língua padrão também se veem severamente limitados na sua participação em eventos de fala públicos e formais” (BORTONI- RICARDO, 2005, p. 25). Infelizmente, além das pessoas terem que conviver com as injustiças sociais e a péssima distribuição de bens culturais, elas também são obrigadas a ver seu modo de falar sendo desvalorizado, menosprezado e visto como “erro”, como algo incomum, que apenas tem a função de “assassinar” a Língua Portuguesa.

Uma pessoa que vê o seu modo de falar sendo alvo de risos por um grupo de pessoas, que acredita na existência de um modo “único” e “definido” de falar, começa a se isolar de locais com um grande número de pessoas, de eventos de comunicação, de momentos de discussões, de conversas em que há mais de duas pessoas, principalmente quando essas não fazem parte de seu grupo familiar.

A vítima de atos de discriminação linguística passa a acreditar que fala “errado”, que não sabe falar, que isso, por exemplo, seja a consequência de não ter terminado os estudos, ou por não ter uma profissão melhor, respeitada pela sociedade, ou por ter nascido pobre. E esses fatores fazem com que a pessoa tenha medo de falar em público, que tenha receio de ser alvo de chacotas, o que gera o isolamento desse falante. Nessa linha, os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (1997) afirmam que “muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo, que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considerarem as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas” (BRASIL, 1997, p. 26,).

Contudo, vale a pena destacar que muitas pessoas socialmente “cultas” têm a liberdade de escolher em que situações comunicativas desejam usar a língua formal ou informal, escolhas essas dependentes do contexto social variam de um discurso para o outro, até a conversa entre familiares e amigos.

Assim sendo, a variedade não é algo exclusivo da classe inferior, ela é um fator universal, “um *patrimônio cultural* que, assim como as florestas, os rios, a flora, a fauna e os monumentos arquitetônicos, precisariam ser preservados da ruína e da extinção” (BAGNO, 2007, p. 35).

A preservação da variedade linguística deveria começar forte e indiscutivelmente dentro das paredes da escola, porém, segundo Soares (1994), muitos educadores, incluindo a sociedade amante do falar “culto” e padronizado, acreditam que:

as crianças das camadas populares chegam à escola com uma linguagem deficiente, que as impede de obter sucesso nas atividades e aprendizagem: seu vocabulário é pobre — não sabem o nome de objetos comuns; usam frases incompletas, curtas, monossilábicas; sua sintaxe é confusa e inadequada à expressão do pensamento lógico; cometem “erros” de concordância, de regência, de pronúncia; comunicam-se muito mais através de recursos não-verbais que de recursos verbais. Em síntese: são crianças “deficitárias” linguisticamente (SOARES, 1994, p. 20).

A questão é que muitos professores estão acostumados a ensinar às crianças a falar da mesma forma que se escreve, isto é, seguindo as regras gramaticais tradicionais. Por isso, um estudante que chega à escola falando “cê tá bom?” é visto como um sujeito que tem uma linguagem deficiente, acompanhada de um vocabulário pobre, e com enormes dificuldades. Assim, a maioria dos brasileiros, por viver na extrema pobreza e por ter um ensino diferenciado de acordo com sua região, é marginalizada pela sua forma particular de falar a língua portuguesa.

2.4 PLURILINGUISMO: CONTATOS ENTRE AS LÍNGUAS.

Não tem como estudar a língua de uma dada sociedade sem levar em conta a história do povo que faz uso dela, já que ela é uma “instituição social”, que possibilita

a existência do “plurilinguismo”, resultante do “contato” entre as línguas de diferentes falantes, aponta Calvet (2002).

O contato entre as línguas só pode ocorrer por meio do homem e da sociedade, em suas interações linguísticas com os mais variados falantes existentes (CALVET 2002, p. 35). Esse contato pode ter vários resultados, como empréstimos linguísticos, surgimento de novas línguas, misturas de línguas e até morte de línguas.

Para Calvet (2002) o “mundo é plurilíngue”, pois há, em todos os países, o contato de línguas, que se realiza por meio falantes diferentes com suas respectivas línguas em um determinado espaço geográfico. Nisso, pode-se afirmar que nenhum país possui uma língua “pura”, isto é, sem empréstimos, de características fonológicas e semânticas, presentes na fala das pessoas.

Como um exemplo de contato de línguas, Calvet (2002) destaca o caso dos africanos que foram deslocados da África para as ilhas e depois para as Américas, devido ao tráfico de escravos. Quando misturados com outros escravos, capazes alguns colonizadores nas plantações, “os negros não podiam se comunicar em suas línguas primeiras e tiveram de criar para si uma língua aproximativa” (CALVET, 2002, p. 41) para, então, se comunicar com os outros: o crioulo.

De acordo com Calvet (2002, p. 52), o crioulo é uma língua que tem o léxico emprestado da língua do dominador, no caso, das línguas europeias, e uma sintaxe, morfologia e fonologia das línguas dos dominados, no caso, dos africanos.

Baseando-se no “uso certo”, surgem conceitos equivocados que há lugares específicos para falantes de uma língua “pura”, como se esses falantes não tivessem “contato” com outras línguas, tornando-se, assim, uma língua invariável. Contrapondo essa tese, Calvet aponta que se “os usos variam geograficamente, socialmente e historicamente, a norma espontânea varia da mesma maneira: não se tem as mesmas atitudes linguísticas na burguesia e na classe operária, em Londres ou na Escócia, hoje e cem anos atrás” (CALVET, 2002, p. 69).

Nas palavras de Calvet, não há como existir uma “língua pura”, já que os usuários têm contato com falantes de outras variedades linguísticas, os quais compartilham modos de falar diferentes, o que resulta na variação dos usos de forma geográfica, social e histórica.

CAPÍTULO III

3.0 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo são analisadas as entrevistas para identificar o modo de falar de seis pessoas, entre elas com grupo focal de jovens de 18 a 30 anos, e idosos de 59 e 72 anos. Todas são de origem quilombola e moram na comunidade Kalunga Vão de Almas.

O primeiro grupo focal é composto de uma Senhora (S1) de 59 anos e de um senhor (S2) de 72, ambos analfabetos. Já o segundo grupo focal é composto de quatro jovens (J), que são identificados como J1, J2, J3 e J4. O J1, de 18 anos, cursa a segunda fase do Ensino Fundamental e mora com seus pais desde que nasceu; J2, de 21 anos, cursa o último semestre do curso de Licenciatura em Educação do Campo; J3, de 32 anos, não conseguiu concluir o Ensino Fundamental completo, trabalha com roça, na comunidade, e J4, de 30 anos, cursou até o terceiro ano do Ensino Fundamental.

Essas pessoas possuem traços muito peculiares no seu modo de falar. Nas entrevistas, alguns colaboradores ficaram bem à vontade e dispostos. Tivemos um diálogo mais aberto com os colaboradores. Eles relataram história de suas vidas que foram úteis para a análise dos dados.

3.1 ANÁLISE DAS FALAS DOS IDOSOS

Analisamos, em primeiro momento, os dados do primeiro grupo focal, composto por pessoas mais velhas, sendo a primeira (S1), de 59 anos, sexo feminino, e outro (S2), de 72 anos, sexo masculino.

No que diz respeito à fala de S1, temos enxerto abaixo:

[...] i eu naci na fazenda Lagoa [...] i eu vim, tou vivo nu Coco, mia vidinha foi sofrida. Cumeno coco ponhano coco nu mato pa tira a carne pra puder cume né, mia vida foi sofrida mia fia capiná, capiná ó cu chuva pa cria o pão pa cume, pa viver, ai casei tô, mas meu marido, mas mia vida depois que casei foi sofrida, capiná di resguardo, réla mandjoca[...] cria fie ne, sou amafabeta [...] eu não fui na iscola neuma, pa aprender nada, naquela [...]colégio né pa mim istuda nu estudei neuma vez[...]

Neste enxerto, a expressão “**cumeno**” veio da palavra “comendo”, que sofreu dois tipos de alterações. A primeira consiste na realização da vogal média “o” para “u”. Esse processo assimilatório se deve na ocorrência da vogal “o” em sílaba átona. Por serem duas vogais posteriores, existe essa possibilidade de a vogal média, fechada e posterior [o] se realizar [u], vogal alta posterior. Enquanto a segunda se refere a um processo morfológico em que as pessoas tendem a realizar a forma do gerúndio “**ndo**” para “**no**”, optando assim por uma estrutura silábica CV (Consoante Vogal), considerada padrão ótimo. Para Bortoni-Ricardo (2005, p. 56), esse tipo de variação é classificada como um processo de “assimilação e degeminação do /nd/ por /n/”.

Na palavra “**ponhano**”, apesar de ter sido originada da palavra “pôr”, ela não expressa o sentido de “pôr”. Neste contexto, ela significa “pegar, apanhar”, como na expressão “**ponhano** coco nu mato” (pegando, apanhando). Pode até ser o caso de S1 querer dizer “apanhando”, com o apagamento da sílaba inicial “a-” (aférese) e improvável mudança da vogal “-a-” da segunda sílaba de “apanhar” para “u”. Improvável, porque por ser uma vogal central e baixa, a vogal “a” dificilmente se realizaria “u”, que é uma vogal posterior alta.

Percebe-se, neste enxerto, a oscilação de S1 no uso das formas “**pa**” e “**pra**” da preposição “para”. Na primeira forma, acredita-se que houve apagamento da última sílaba “-ra”. Trata-se de um processo fonológico conhecido por apócope. Já na segunda forma, houve apagamento da primeira vogal “-a-” da palavra “para”. Este processo fonológico é também conhecido por síncope. Deve-se ressaltar que, por definição, a síncope consiste no apagamento de segmentos (consoante e/ou vogal) e até sílabas inteiras no meio de uma palavra.

Nas palavras “mia fia” (minha filha), houve um processo de semivocalização em que a consoante nasal palatal “nh” de “minha” e lateral palatal “lh” de filha se realizam semivogal “i” formando assim ditongos crescentes “mia e fia”. Acredita-se que essa tendência procura as palavras polissilábicas, como é o caso dessas palavras que, de dissílabas realizam-se monossílabas.

Em “capiná”, assim como em muitas outras palavras nesse enxerto, percebe-se o apagamento da consoante “r” morfema do infinitivo do verbo “capinar”. Trata-se de uma aférese, processo fonológico que tende a evitar as estruturas silábicas complexas, como ressaltava Mané (2013):

As sequências CCV e CVC representam um desafio para as crianças, pois constituem respectivamente sílabas pesadas e complexas. Geralmente as crianças não conseguem proferir palavras com essas sequências, em que as consoantes iniciais e finais têm posições diferentes de articulação, devido ao fato de elas não conseguirem violar uma restrição de “harmonia consonantal”. Algumas crianças podem evitar essas palavras, mas elas são muito comuns em português. Assim, elas procuram modificá-las pela omissão da consoante final, reduzindo-as ao padrão silábico CV (MANE 2013, p. 121).

Claro que os dados de Mané (2013) referem-se a crianças, mas são preferências por estruturas linguísticas encontradas em falas de adultos, como é o caso aqui.

Na palavra “relá”, além da aférese, apagamento do “r” marca do infinitivo, houve uma ocorrência indevida de um processo assimilatório em que “a” de “ralar” se realiza “e”, originando outra palavra “relar”. Vale ressaltar que as duas palavras existem na língua portuguesa. “Relar” significa ralar, importunar, tocar ao leve; enquanto “ralar” significa raspar com o ralador, esmagar, moer, triturar. No contexto desse enxerto, S1 quis dizer “ralar mandioca”, isto é, moer, triturar mandioca. Portanto, além de fonético, temos também um problema lexical, que consiste troca das palavras “ralar” para “relar”.

Além das palavras acima analisadas, S1 faz uso excessivo de “né”, um marcador conversacional que, acredita-se, consiste em manifestar o nervosismo do falante ou sua insegurança linguística ou sobre o tema.

Já para a fala de Senhor S2, de 72 anos, sexo masculino, temos o enxerto a seguir:

“[...] **Abom** o passado era esse, nu mais os outro passado era passado era ruim praque a vida aqui di primero cumia era coco, panhava o coco di dendê pa descascar [...] machucava tirava a carne pa modo tira o fubá pa fazer o angu,[...] era o **pichinho** qui pegava, i o feijãozinho de corda eu fui criado foi nesse vida [...] tou cum 72 ano graça a deus que agora de pouco tempo pra aqui pegou uma [...]qui posentei e pego esse dinheirinho **quitô** omeno comendo.[...]”

Nesse enxerto, para não ser redundante em relação ao primeiro, analisamos as palavras em destaque. A expressão “abom” é muito usada pelos moradores da comunidade. Pelo contexto, acredita-se que seja um marcador conversacional no sentido de “então, daí”.

Em “**pichinho**”, que se originou da palavra “peixe”, houve um processo assimilatório em que a vogal ‘e’ de ‘peixe’ se realiza ‘i’ quando se obtém ‘peixinho’ por sufixação. Essa mudança se deve ao deslocamento do acento ‘peixe’ oxítono, para paroxítono ‘peixinho’.

“Quitô” é a junção de “que” pronunciado ‘qui’ em que ‘e’ se realiza ‘i’, e ‘estou’, pronunciado ‘tô’, em que houve apagamento da sílaba “es-” de “estou” (aférese) e apagamento da semivogal “u” (montongação). Essa junção acarretou a formação do vocábulo fonológico “quitô”. Esse processo ocorre, geralmente, pelo fato da fala não possuir os espaços em branco que separam uma palavra da outra na escrita.

O falante S2 utiliza-se da palavra “omeno”, que é originada da expressão vocabular da norma culta padrão “ao menos”, cujo significado equivale a pelo menos. Na sua fala, o entrevistado faz uma aglutinação e uma supressão, ao mesmo tempo, formando o vocábulo “omeno”. Durante o processo de aglutinação, o falante juntou os vocábulos “ao” e “menos” pronunciando-as como se fossem uma única palavra. Esse processo de supressão da vogal “a” inicial é conhecido como aférese.

3.2 ANÁLISE DAS FALAS DOS JOVENS

Em um segundo momento, analisamos os dados do segundo grupo focal, composto por pessoas mais jovens, sendo a primeira (J1) de 18 anos sexo feminina, a segunda (J2) de 21 anos, a terceira (J3) de 32 anos, sexo masculino, e a última (J4) de 30 anos sexo feminino.

No que diz respeito à fala de J1, temos o enxerto abaixo:

Mia iscola é muito longe [...], i eu e meus irmão sai bem cedo e têm que andar ligeiro pa num chegar atrasado, nois vadiá tem vez qui quando nóis fica brincano na istrada, quando nois chega lá, a aula já tinha começado, mas o prufesso deixava nois dentru da sala praque ele sabia que era longe, [...] eu istudo e trabaiô pra mim ganhar um dinheirinho pra comprar minhas coisa, praque nem tudo

qui eu quero meu pai e mia mãe mi dá [...] meu pai faz alguns bico pra comprar as coisas pra nois comer[...].

O falante J1 usa a expressão “ligeiro”, comum em várias comunidades, característica do dialeto da região. O termo é de uso comum pelos falantes da comunidade Kalunga, que, na norma monitorada, significa “rápido”.

A palavra “**nóis**” é uma variação do pronome pessoal “nós”, muito utilizada na fala das pessoas da comunidade Kalunga. Ocorre, nesse caso, o acréscimo da vogal “i” entre a letra “ó” e “s”, originando a palavra “nóis”. Esse fenômeno é denominado ditongação, por ser caracterizado pelo acréscimo de uma semivogal no interior do vocábulo.

No que diz respeito à palavra “**vadiá**”, é uma variação da palavra “vadiar”, que significa brincar, divertir-se etc. Nesse sentido, podemos considerar que “vadiá” é uma variação dialetal geográfica dessa comunidade. Essa variante também sofre apagamento da consoante ‘r’, marca da forma infinitiva do verbo ‘vadiar’.

Verificamos um processo assimilatório no discurso analisado, que altera a morfologia da palavra “**que**” substituindo o ([e]) por ([i]) na pronúncia da palavra “**qui**”. A assimilação se dá sempre que a vogal média fechada ([e]) é substituída pelo pela vogal alta ([i]) na oralidade.

A palavra “Professo” de “professor” traz dois processos de variação linguística. O primeiro refere-se à assimilação, trocando a vogal ([o]) por ([u]). Também há o processo de aférese, com o apagamento da consoante “r” no fim da palavra.

Em “pruque”, que é a variação linguística de “porque”, temos a ocorrência de processos fonológicos. Por um lado, houve o deslocamento da consoante ‘r’, conhecido pelo processo de metátese. Por outro lado, temos o processo assimilatório em que a vogal média ‘o’ se realiza alta ‘u’.

No que se refere à palavra “Trabaio” que corresponde a “trabalho”, há um processo de semivocalização em que a consoante lateral palatal “lh” de “trabalho” se transforma em semivogal “i”.

O jovem J2, de sexo masculino, de 21 anos, diferente de J1, que cursa o Ensino Fundamental, está cursando o último semestre do curso de Licenciatura em Educação do Campo. Ele produziu o enxerto abaixo, que passamos a analisar.

Minha origem é quilombola, eu nasci na cidade de Monte Alegre, eu vivo no Vão di Almas praticamente só, nasci em Monte Alegre e já voltei pro Vão di Alma. [...] Desde piqueno assim já comecei ajudar meus pai na roça né, porque tipo iam para escola um pouco longe, então após estudar já voltava pra casa fazia alguma tarefa e ajudava pai na roça e mãe, [...].Eu procuro fala mais na norma padrão quando, estou falando com pessoa de fora, quando eu saio da comunidade [...] na comunidade [...] eu procuro falar uma linguagem mais na oralidade pra que eles entendam, [...] ocê tá falano com autoridades pessoas formadas então tem que procura mais o regime acadêmico.

Muitos dos casos de variações linguísticas encontradas nesse enxerto já foram analisados nos outros. Para não ser redundante, analisamos apenas a palavra “ocê”, pronome sujeito que se originou do pronome de tratamento “você”. Muito usado pelas pessoas entrevistadas, ela tem várias outras realizações em todo o Brasil, como ‘cê’, ‘vc’. Trata-se de uma aférese, processo que consiste no apagamento de segmentos iniciais de palavra.

No que se refere a J3, de 32 anos, de sexo masculino, que não teve tanta oportunidade de estudar, apresenta sua fala menos monitorada, como podemos ver no enxerto abaixo:

leu naci na fazenda Coco Vão di Aima [...] ua eu achu qui quem sai plafora pa fazer faculidade tem mas deferença di mim qui num sei nada [...] uá a fala dos mais jovo é mais importante du qui dum adulto [...], nas festas a linguagem eu falo é a mesma[...], eu gostaria eu de ter praque os istudos é muito portanto pra ezes, vivi na roça trabaiano plantano arroz, abroba, quiabo, gilo [...] essa coisa ai achu tem mas diferença dum mais veio di cunveissa praque os mais veio fala mais diferente de agora qui os mais novo fala mas deferente qui os mas novo”. Ezes teve otra potunidade. [...] eu bato o dia intero pra planta e cuie um arroizinho. plaque trabaia muito na roca, praque num que chuver mais [...] ieu tem qui botá cumida em casa pa mi familia, us mininu quando vai cume eche o plato [...].

Neste enxerto, a palavra “plafora” é a aglutinação das palavras “para” e “fora”. Temos nesse vocábulo fonológico, além do apagamento das vogais ‘a’ de ‘para’, uma troca de ‘r’ de ‘para’ por ‘l’. Esse tipo de processo é conhecido por lambidização. Essa variação se deve às duas consoantes que são todas alveolares, podendo se influenciar. Essas palavras são exemplos da pronúncia da linguagem popular que esse povo aprende com seus familiares.

Em “faculidade”, que quer dizer faculdade, o entrevistado apaga a consoante ‘l’ em final de sílaba, ou seja, em posição de coda, travando assim a sílaba. Esse tipo de processo ocorre mais na fala da criança, mas, de qualquer maneira, a tendência é que os falantes evitem as sílabas complexas, como por exemplo, a travada nesse caso.

Quanto à palavra “cunveissa” de “conversar”, temos a ocorrência de vários processos que já foram tratados em enxertos anteriores, como a realização de ‘o’ para ‘u’ (assimilação) e o apagamento do ‘r’ marca de infinitivo (aférese). O que mais chamou a atenção nessa palavra é a semivocalização do ‘r’, que é uma característica da fala de criança, como ressalta Mané (2013):

Quanto à semivocalização do [r], [l] e [x] que se realizam [j], a substituição ocorre nas posições de ataque e de coda. Já para a semivocalização de [l] que se realiza [w], a consoante [l] sempre ocorre em posição de coda. É um fenômeno que pode ser observado também na linguagem dos adultos. O fato de essas substituições ocorrerem nas posições silábicas de ataque e coda, e mais principalmente de coda, explica a tendência das crianças em produzirem estruturas silábicas leves (sem coda preenchida) e simples (sem ataque ramificado). Além disso, a preferência das crianças pelos glides ([j] e [w]) se deve ao fato de que são realizações das vogais [i] e [u]. Dessa forma, a semivocalização se justifica pelas vogais serem os primeiros segmentos a ser adquiridos pelas crianças. (MANÉ, 2013, p. 117-118).

Percebe-se que essa semivocalização, isto é, a realização de ‘r’ para ‘i’, pode ser chamada de ditongação pelo fato de levar ao surgimento de um ditongo decrescente.

Já o jovem J4, no enxerto abaixo, traz em sua fala expressões carregadas do coloquialismo social de um sujeito que teve pouco ou quase nenhum contato com uma variedade-padrão de comunicação.

[...] eu fui nacida criei mas não tinha iscola de jeito niium purisso que eu num sei nem assina nem meu nom. [...] ele é mais ladino eu sou mais besta praque quem estuda conhece as coisa eu um istudei num cunheço,....eu falo do memo jeito qui eu falo porque se ele me pergunta qui eu sufri eu falo qui sufri praque eu num passei bem [...] não cunhici pai[...]eu tinha vontade de ir pa iscola mas num fui agora nesse tempo dagora ratô o cum esse tanto de fie criando nos braço na roça agora não tem como estudar mas não[...].

Neste enxerto do falante J4 encontramos a palavra “nium”, que é a variação de “nenhum”. Assim, houve em um primeiro momento a síncope do dígrafo ‘nh’. Depois houve um processo assimilatório, em que a vogal média ‘e’, de ‘nenhum’, se realizou ‘i’.

Quanto à expressão “ele é mais ladino”, o falante J4 quis dizer “esperto, inteligente”. Nesse caso, trata-se de uma variação semântica, que consiste em atribuir às palavras existentes outro significado. Acredita-se que ‘ladinho’ derivou da palavra portuguesa “lado”. É um processo comum nas falas de jovens, que costumam partir de palavras existentes atribuindo-lhes uma modificação morfológica e semântica.

Em “pergunta”, assim como ‘pruque’ acima analisada, temos o processo de metátese, que consiste em mudar de posição alguns segmentos de palavras. Será que se pode pensar que se trata de um problema de interlíngua, que seria a interferência do espanhol no português? Essa hipótese parece inviável por não haver indício de contato entre os dois povos em sua história. Mas, acredita-se que o falante opta por esse tipo de troca por achar cômodo pronunciar uma sílaba com encontro consonantal no ataque do que uma sílaba com coda, ou seja, sílaba travada.

Para a expressão “dagora”, na fala do J4, essa variação linguística é a soma de um processo de aglutinação que juntou ‘de’ e ‘agora’. Além disso, houve o apagamento da vogal ‘e’ da preposição ‘de’ que, na fala das pessoas se realiza ‘i’ devido à atonicidade silábica. Nessa junção, a expressão manteve o seu significado inicial, que é “de agora”, tempo presente, nesse momento.

Fizemos uma breve análise para mostrar a relação entre as variações linguísticas mais frequentes nas falas das pessoas da comunidade Kalunga vão de Almas, com foco na fala de jovens e adultos. Os dois grupos focais analisados mostraram duas situações totalmente diferentes, mas que convergem no que diz respeito a algumas variações linguísticas.

O grupo (I), representado pelas falas dos mais velhos, apresenta variações linguísticas características do seu contexto social, histórico e econômico, marcas linguísticas de uma geração que não teve tantas opções e oportunidades de conhecer o português padrão como a geração atual.

Por isso, os entrevistados do grupo (II) tiveram mais oportunidade de conviver nos espaços que pessoas usam o monitoramento da língua padrão, e também teve acesso à escola, onde ensinam falar mais a norma monitorada.

E assim, essa geração, representada pelo grupo (I), conseguiu sobreviver em meio a tantas dificuldades, injustiças, desigualdade social, e sem saber o que representa a fase da infância e da adolescência, já que eles tiveram funções de adultos, mesmo tendo características físicas e psicológicas de uma criança/adolescente.

Os colaboradores do grupo (I) enfatizam a importância do estudo, por achar que, com o isso, poderiam falar “melhor” ou “correto”, mas que tiveram que optar pelo sustento da família, deixando de lado os estudos, e sem se importarem pelas condições de trabalho, como o fato das mulheres realizarem o trabalho braçal, como se fossem homens, e levando, nas costas, os filhos e, muitas vezes, sem realizar a primeira refeição do dia: o café da manhã. Além disso, eles se sentem inseguros, já que “consideram seu modo de falar pouco valorizado e têm em mente outro modelo, mais prestigioso, mas que não praticam” (CALVET, 2002, p. 72).

Segundo Bagno (1999) apud Bortoni-Ricardo (2005, p. 140) “a distribuição injusta de bens culturais principalmente de formas valorizadas de falar, é paralela à distribuição iníqua de bens materiais e de oportunidades”. Na mesma linha, Gnerre (1985, p. 6) pontua que “nem todos os integrantes de uma sociedade têm acesso a todas as variedades e muito menos a todos os conteúdos referenciais”.

O grupo (II), representado pelas falas dos mais jovens, apresenta uma fala mais monitorada, isto é, com mais frequência da variedade padrão, porém não deixou de evidenciar a variação linguística do seu povo. Isso ocorreu porque o grupo (II) teve mais oportunidades que o grupo (I), como o acesso à educação, incluindo até curso em uma das universidades mais renomadas do Brasil, como a UnB (Universidade de Brasília). Esses fatores, de certa forma, influenciaram no modo de falar do grupo (II), já que aquelas oportunidades possibilitaram ao grupo o contato com outras variedades do Português, como a “padrão”.

Para Bagno (1999, p. 48), toda língua existente no mundo tem o fenômeno chamado “variação”, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico. Então, da mesma forma que existe a variação do português no Brasil, também existe

em Portugal. E todas, as variedades fazem parte da construção e reconstrução da língua de todos os países.

Com base nesses enxertos analisados, percebe-se que algumas variações são características da própria comunidade, independentemente do grau de instrução do entrevistado. Em outras palavras, essas variações são traços socioculturais enraizados em seus dialetos, demonstrando assim toda a peculiaridade da própria língua materna da região da Comunidade Vão de Almas.

CONCLUSÃO

Ao escolher o tema dessa pesquisa, pensamos em algo fundamental que seria relevante e voltado para a comunidade Kalunga Vão de Almas, que serviria não só para a autora deste trabalho, mas para compartilhar com as pessoas da comunidade, e com mais precisão para o ensino aprendizagem nas escolas.

As aulas de linguísticas no curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) despertaram o interesse e a reflexão nesta área do conhecimento. Pois, eu entendia que o meu jeito de falar era “errado”, por sofrer preconceito até mesmo na Universidade, com moradores da mesma comunidade. Então, surgiu a necessidade de aprofundar o conceito da variação linguística, e isso me inquietou a fazer uma pesquisa sobre a análise das falas de jovens e adultos da comunidade Kalunga Vão de Almas.

Com base nesta pesquisa, desenvolvida na comunidade, foram identificados que as pessoas falam de um modo diferenciado, devido à falta de conhecimento da língua portuguesa padrão, e devido ao contexto onde todo mundo fala essa variação do português oral não padrão. Portanto, percebe-se que as gerações dos mais jovens têm mais facilidade de falar a norma padrão do português brasileiro, porém continuam com traços herdados dos seus familiares, e falam também a norma sem monitorar a sua fala, usando a língua popular.

Durante a pesquisa, percebemos que os adultos da comunidade não se incomodam com sua maneira de falar, mas criticam as pessoas que estudaram fora e voltam falando de forma mais monitorada. Falam que essas pessoas estão com “bondade” (expressão muito usada na comunidade e significa uma pessoa que aprendeu outro modo de falar e chega à comunidade falando de modo diferente deles, ou seja, mais monitorado, e eles acham que essas pessoas estão querendo ser melhores que eles do local).

Durante a pesquisa, observamos que os adultos preferiram relatar mais seu contexto de vidas na comunidade. Quanto aos jovens entrevistados, durante a pesquisa, percebemos que eles tinham mais facilidade em responder às perguntas do questionário.

Ao analisar as falas dos colaboradores, foi possível compreender que existe uma cultura e o modo de falar naquela comunidade que são mais preservados, pois

carregam traços dos antepassados. Isso nos leva a compreender nestas pessoas entrevistadas que existe uma herança de sotaque e de hábitos em todas as famílias entrevistadas. Percebemos, também, que estas famílias retratam suas vidas através de histórias orais.

Contudo, os jovens não preservam muitos sua cultura tradicional por terem acesso à escola, pois suas histórias de vida tornam-se diferentes e o seu modo de falar é mais monitorado, em relação aos mais velhos, que preservam mais suas identidades e cultura quilombola.

Assim, a pesquisa é considerada de fundamental importância para mostrar o modo de falar das pessoas da comunidade Kalunga Vão de almas. Por meio dela, percebemos que as pessoas da comunidade não falam errado; porém em determinadas situações devemos recorrer a um português monitorado como, por exemplo, na escola, quando falam com advogado, médico, promotor de justiça etc.

Devido ao ensino que está ocorrendo na comunidade, o modo de falar das pessoas vem sofrendo modificações, o jovem vem se monitorando cada vez mais, porém não se desfaz de forma nenhuma de sua maneira de falar popular da comunidade.

Percebemos com esta pesquisa desenvolvida na comunidade que o modo de falar das pessoas da comunidade apresenta variações linguísticas que não são tão diferentes das demais variedades regionais do país. Assim, esperamos que este trabalho desperte o interesse da comunidade escolar pela valorização das variações linguísticas trabalhando-as com seus alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**: como é, e como se faz. São Paulo: Edições Loyola -1999.

_____. **Nada na Língua é por Acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial – 2007.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa* /Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília, 1997.

BORTONI-RICARDO, Sttela Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?**: Sociolinguística & Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Tradução: Marcos Marciolino. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2002.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução; Magda Lopes; consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição Dirceu da Silva. - 3. Ed. - Porto Alegre: Artmed, 2010.

MANÉ, Djiby. **Dificuldades fonéticas de crianças de 2 a 7: sistematicidade ou assistemática?** Revista Alpha, n. 14, nov. 2013, 112–128 © Centro Universitário de Patos de Minas. <http://alpha.unipam.edu.br>.

MARTINS JR, Joaquim. **Como escrever trabalhos de conclusão de curso**: instruções para planejar e mostrar, desenvolver, concluir, redigir e apresentar trabalhos monográficos e artigos. 7^o ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MOURA, Glória (coord). **Uma História do povo Kalunga**. Secretaria de Educação Fundamental- MEC: Brasil, 2001.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo, Martins Fontes – 1985.

GIL, Antônio Carlos. 1946. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 5 ed. São Paulo. Atos, 2010.

SOARES, Magda. **Linguagem e Escola**: Uma perspectiva social. São Paulo: Editora Ática – 1994.